A empatia é amplamente reconhecida como uma das habilidades interpessoais mais proeminentes da contemporaneidade (Comissão Europeia, 2018). Efetivamente, a empatia vem sendo divulgada como um atributo fundamental para compreensão da mentalidade individual e coletiva, promovendo uma abordagem aprofundada no que tange ao desenvolvimento pessoal e organizacional. Ademais, a empatia eleva o debate a patamares de maior complexidade, abrangendo questões prementes como as desigualdades sociais, as alterações climáticas, a sustentabilidade dos recursos naturais, o digital e a tecnologia, entre outros temas de relevância atual e que nos diferenciará dos padrões da inteligência artificial.

Não obstante, na realidade vivemos imersos num mundo caracterizado pela profusão de informações provenientes de fontes impressas e, principalmente, digitais que abarcam uma miríade de acontecimentos aos quais, na sua maioria, não somos testemunhas oculares. Curiosamente, tais informações parecem impelir-nos na direção oposta àquela que se presume todos desejamos evoluir.

Com efeito, acabamos por consumir e internalizar conteúdos prontos sobre determinados eventos, desprovidos de vivências concretas. Tais vivências, que outrora enriqueciam o nosso conhecimento pessoal, encontram-se agora embotadas pela limitação cada vez mais restrita de experiências reais às quais parecemos evitar expor-nos, seja por conforto ou mesmo medo.

À vista disso, ao invés de expandirmos os nossos horizontes intelectuais e nos deleitarmos com sentimento de plenitude, parece que nos desviamos rumo a uma maior insatisfação e frustração, restringindo as nossas ações e emoções à validação de terceiros e maioritariamente no contexto virtual. Acresce que negligenciamos o contexto favorável à mobilidade e ao acesso a recursos, assim como o facto de termos uma das gerações mais bem qualificadas de todos os tempos, capaz de concretizar proezas extraordinárias — e o quão crucial isso pode ser tanto nas nossas próprias vidas quanto na vida dos outros.

É neste contexto emergente que desponta a empatia como um conceito desenvolvido para elucidar uma série de manifestações intrínsecas à natureza humana, as quais envolvem um conhecimento profundo do outro, abarcando as suas ideias e emoções, que somente podem ser entendidos através de uma vida exposta e intensa, ou melhor, através das vivências.

A noção de vivência foi primeiramente evocada nesse contexto na obra “A psicologia da arte” de Vygotsky, em 1925, originalmente redigida em russo sob o termo “perejivânie”.

Antessignano Vygotsky não oferece uma definição precisa do termo, mas mobiliza-o para representar a ideia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, experimentada, percebida e vivenciada de maneira muito distinta por diferentes pessoas.

Destarte, a empatia funda-se nas relações intersubjetivas, convidando-nos a entender as vivências dos outros, com respeito pela singularidade, e, num grau mais elevado, convida-nos a assumirmos as nossas responsabilidades por via das vivências alheias em relação aos problemas que nos desafiam coletivamente.

Posto isso, a empatia rompe significativamente com a perspetiva solipsista, apresentando-se como uma oportunidade para enriquecer a nossa compreensão do mundo, muito além de nós mesmos. Ao reconhecer e valorizar as experiências alheias, tornamo-nos agentes transformadores capazes de fomentar a igualdade e o bem-estar das comunidades. À guisa de conclusão, a empatia convoca-nos a abandonar o isolamento egocêntrico e a envolver-nos ativamente na edificação de um mundo mais humanitário, solidário e harmonioso.

Referências

EC—European Commission (2018). Commission staff working document accompanying the document Proposal for a Council Recommendation on Key Competences for Lifelong Learning. https://eurlex.europa.eu/legalcontent/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52018SC0014&from=EN